

Dívida chega a R\$ 7 milhões

FABIOLA GÓIS

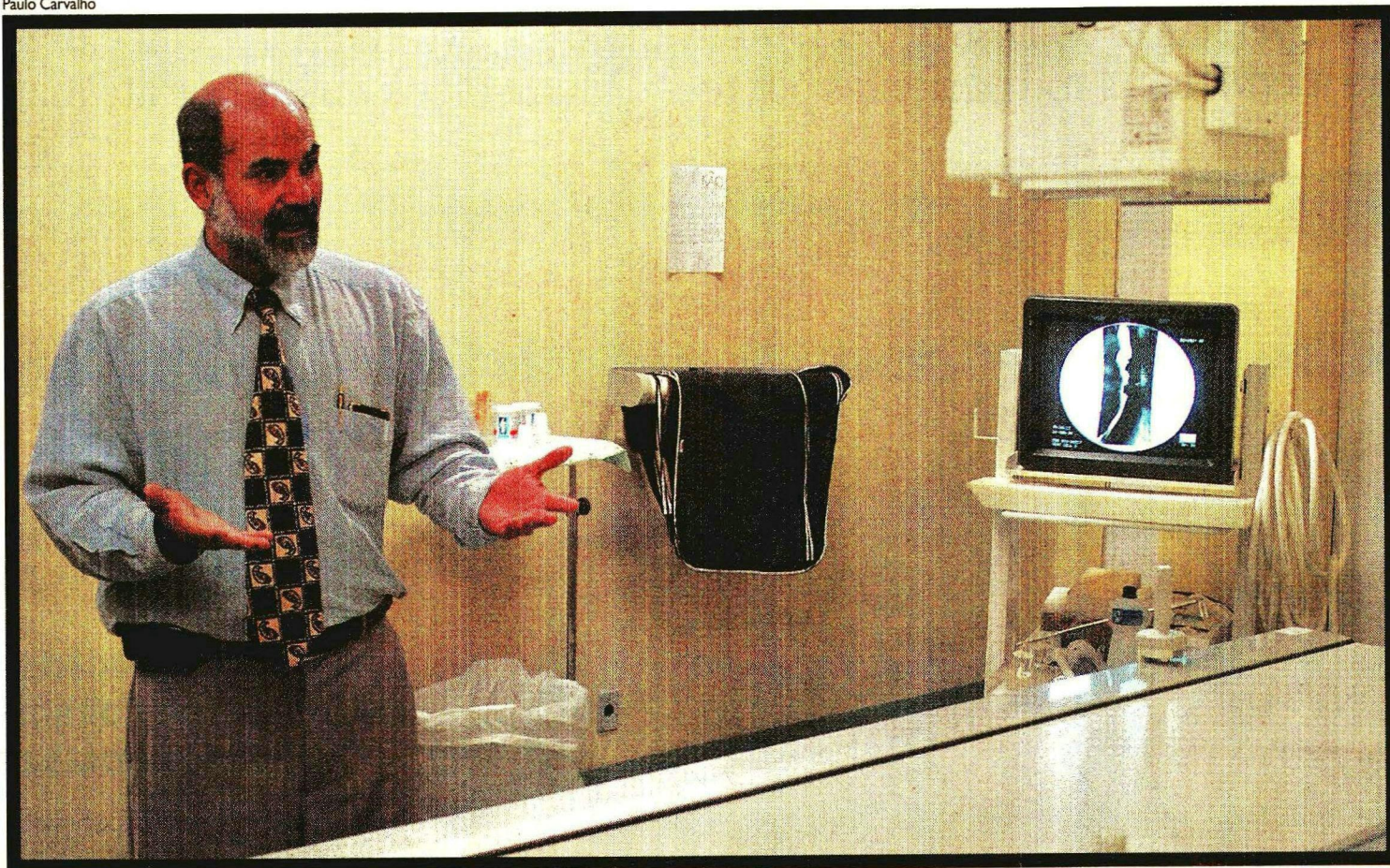
DA EQUIPE DO CORREIO

A partir deste mês, sempre que os estoques de remédios, materiais médicos e alimentos chegarem ao fim, a direção do Hospital Universitário de Brasília (HUB) suspenderá o atendimento. A decisão foi tomada por causa do tamanho da dívida da instituição com fornecedores: R\$ 7 milhões. Há despesas não pagas desde agosto de 2003. Alguns fornecedores já avisaram que não vão renovar os estoques caso não recebam os atrasados. Outros acertaram com o diretor Cláudio Bernardo Pedrosa de Freitas que repassariam os produtos acordados. Quando a meta for atingida, não haverá reposição para evitar que a dívida aumente.

“Não temos como trabalhar dessa forma. A dívida com a nossa empresa é de R\$ 10 mil, mas sabemos que há um fornecedor esperando receber R\$ 300 mil”, desabafou um representante de indústria farmacêutica que fez contrato com o HUB para fornecer 11 medicamentos, entre eles antibióticos. Ele pediu anonimato. O acordo do repasse para 2004 não foi feito. “A indústria suspende o fornecimento quando o atraso chega a 45 dias”, explica.

A diretoria do HUB acredita que grande parte dos problemas que o hospital enfrenta hoje poderia ser minimizado com a destinação por parte do governo federal de um orçamento fixo mensal para a instituição, como ocor-

Paulo Carvalho



O DIRETOR DO HUB, CLÁUDIO DE FREITAS, RECLAMA DO REPASSE INSUFICIENTE DO SUS: MINISTÉRIO DA SAÚDE AINDA NÃO DEFINIU MUDANÇAS NO SISTEMA

re com o Sarah Kubitschek e o Hospital das Forças Armadas. O HUB tem um problema comum aos demais hospitais universitários do país. Como atendem pacientes da rede pública, recebem cota estipulada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para custeio. Mas o dinheiro é insuficiente. O teto do HUB é de R\$ 1,3 milhão

mensais. Caso as despesas ultrapassem esse valor, o SUS não paga. Quem deve pagar a diferença é o próprio hospital, que não tem de onde tirar o dinheiro.

Cláudio Bernardo critica a forma de repasse pelo SUS. Todos os meses, o hospital manda o demonstrativo de faturamento para a Secretaria de Saúde do Dis-

trito Federal. De lá, ela é remetida para o Ministério da Saúde. “O sistema de financiamento é absurdo. O HUB gasta e só depois recebe. Não sabemos quanto vem. Desde agosto o repasse é menor do que a cota estabelecida”, reclamou o diretor. Segundo ele, a Secretaria de Saúde informa ao Ministério os valores gastos. “Quando pedimos explicações por que glosaram (deixaram de pagar), não temos resposta”.

Cláudio afirma que os investimentos com obras e equipamentos são exemplares, mas o custo é muito alto por causa da demanda. A rede pública do DF atende pacientes das 22 regiões administrativas, além do entorno. O HUB absorve parte do público.

Compra de exames

O secretário de Saúde do DF, Arnaldo Bernardino Alves, explica que não tem controle do que é repassado pelo Ministério ao hospital e informa apenas o que

consta no demonstrativo de faturamento. “Nós não somos os vilões do HUB. A responsabilidade de mantê-lo é do governo federal, já que é vinculado a uma universidade federal”, afirma Bernardino.

O secretário reconhece que se não existisse o hospital universitário, os centros de saúde e hospitais do DF estariam ainda mais lotados. “Foi feito um acordo para que a secretaria emprestasse parte da cota do SUS ao HUB. Também liberamos 52 médicos pagos pelo GDF para o hospital”, afirma.

Bernardino disse que poderá fazer um acordo para aliviar a crise do HUB: comprar exames. O hospital tem dois tomógrafos e dois mamógrafos que podem servir à rede pública. “Se precisarmos de 300 tomografias, pagaremos por ela. No final do mês, repassamos o dinheiro”, sugeriu. Ele diz que não sabia que o HUB passava por tanta dificuldade.